



Geografia e exploração da metarrealidade: ampliando os quadros de referência

*Geography and exploration of metareality: expanding
reference frameworks*

*Geografía y exploración de la metarrealidad: ampliando
los marcos de referencia*

Rodrigo Gonçalves de Souza

Secretaria Especial de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário da Casa Civil
rodrisou@egresso.ufg.br

Resumo: O debate sobre quadros de referência epistêmicos e teórico-metodológicos na Geografia avolumou perspectivas. A ênfase varia de acordo com as classes de proposições sobre as quais se traçam os procedimentos da lógica da pesquisa e consecutivos meios técnicos. Trazer novas proposições requer justificar que possibilitem reformular respostas, ampliar o alcance da investigação, refinar nuances nas regras de explicação, desenvolvendo recursos elucidativos. Este artigo exploratório e expositivo, com revisão integrativa, se debruçou sobre arcabouços conceituais da filosofia da ciência, oferecendo abordagens consistentes para desvendar fatores-chave de sistemas complexos e maneiras de reposicionar controvérsias epistêmicas na Geografia. Se alega que o Realismo Transcendental oferece panoramas conspícuos na relação entre ontologia e epistemologia e, aplicado nas ciências humanas como Realismo Crítico, oportuniza pontes e sinergias entre as áreas de estudo da disciplina. Foram apresentadas as potencialidades deste quadro de referência para articular categorias, relações estruturas/agentes e suas práticas e representações, explicações causais e expressões fenomênicas. Com uma perspectiva distinta sobre o escopo metateórico da análise, recombina técnicas, instrumentos e metodologias.

Palavras-chave: Realismo transcendental, Quadro de referência, Epistemologia da geografia

Abstract: The debate on epistemic and theoretical-methodological reference frameworks in Geography has expanded perspectives. The emphasis varies according to the types of propositions on which the research logic procedures and consecutive technical means are outlined. Bringing new propositions requires justification that makes it possible to reformulate answers, expand the scope of the investigation, refine nuances in the rules of explanation, developing elucidating resources. This exploratory and expository article, with an integrative review, focused on conceptual frameworks from the philosophy of science, offering consistent approaches to uncover key factors in complex systems and ways to reposition epistemic controversies in Geography. It is claimed that Transcendental Realism offers conspicuous panoramas in the relationship between ontology and epistemology and, applied in the human sciences as Critical Realism, it provides bridges and synergies between the areas of study of the discipline. The potential of this reference framework was presented as to articulate categories, structures/agents relationships and their practices and representations, causal explanations and phenomenal expressions. With a distinct perspective on the metatheoretical scope of analysis, it recombines techniques, instruments and methodologies.

Keywords: Transcendental realism, Reference framework, Epistemology of geography

Resumen: El debate sobre los marcos referenciales epistémicos y teórico-metodológico en la Geografía ha aumentado las perspectivas. El énfasis cambia según las clases de proposiciones acerca de las cuáles se establecen los procedimientos de la lógica de la pesquisa y sus respectivos medios técnicos. Para traer nuevas proposiciones se requiere justificar que se posibilite reformular respuestas, ampliar el alcance de la investigación, perfeccionar los matices en las reglas de explicación, desarrollando los recursos elucidatorios. Este artículo exploratorio y expositivo, con revisión integradora, se ha dedicado a los marcos conceptuales de la filosofía de la ciencia, ofreciendo enfoques consistentes para desvelar factores clave de sistemas complejos y modos de reposicionar las controversias epistémicas en la geografía. Se afirma que el Realismo Trascendental ofrece panoramas conspicuos en la relación entre ontología y epistemología y, aplicado a

las ciencias humanas como Realismo Crítico, tiende puentes y sinergias entre las áreas de estudios de la disciplina. Han sido presentadas las potencialidades de este marco referencial para conectar relaciones entre categorías, relaciones estructuras/agentes y sus prácticas y representaciones, explicaciones causales y expresiones fenoménicas. Con una perspectiva distinta acerca de la extensión metateórica del análisis, vuelve a mezclar técnicas, instrumentos y metodologías.

Palabras-clave: Realismo Trascendental, marco de referencia, Epistemología de la Geografía

Introdução

Nas reflexões acerca de fundamentos teórico-epistemológicos e metodológicos, é relevante se interrogar: como é possível pensar, inquirir e dizer sobre os fenômenos em cada caso? Como arguir, justificadamente, seguindo as evidências até onde levarem? Os processos envolvidos na – e desencadeados pela – interação de sujeitos sociais em níveis macro, meso e de microestruturas socioeconômicas, socioecológicas e socioculturais materializam-se no espaço-tempo, urdidos em instituições. Mas sua apreensão não é feita em um mundo gnosiológico independente dos sujeitos do conhecimento.

Há um grande acúmulo de discussões de quadros de referência teórico-metodológicos na geografia, imersas nas implicações para a prática da pesquisa. Com o presente estudo viso contribuir com novas perspectivas, possibilidades e nuances. Explano e desenvolvo a problematização à luz de uma abordagem ainda incipiente na literatura geográfica brasileira, a do Realismo Transcendental/Realismo Crítico. Uma filosofia da ciência e um quadro de referência¹ que instrui o tratamento dos dados, o escopo da pesquisa e reflexões sobre os objetos de estudo e procedimentos, articulando o aparato do método. Sua pergunta primordial é: como deve ser a realidade de forma a que a ciência seja possível (BHASKAR, 2013, p.19)?

A partir da contribuição de autores afins com esta filosofia (p. ex. (ARCHER, 1988; 1995; 2000; BHASKAR 2010; 2013; 2014; SAYER 1985; 2000; 2010; SAWYER, 2000; SCOTT, 2017; YEUNG, 1997), neste artigo exploratório articulo as contribuições ofertadas pelo Realismo Crítico em termos de formulações de ontologia e epistemologia, de método e expedientes metodológicos, de análise e investigação de relações causais, relação agente/estrutura, escopo da pesquisa, pontes interdisciplinares envolvendo questões e debates da geografia e suas áreas. Indico pontes com alguns tratamentos conceituais referenciais na teoria geográfica (HARVEY, 2012; MASSEY, 2006; 2008; SANTOS, 1985; 2012). Com o Realismo Crítico não se teria uma presunção de “reinventar a roda”. Nele,

1 Nos termos de “quadros de referência” apresentados por Gil (2019, p.18) - mais amplos do que teorias, “já que podem subordinar outras teorias e sugerir normas de procedimento científico”. De exemplos o autor apresenta o funcionalismo, o estruturalismo, a “compreensão”, o materialismo histórico, o interacionismo simbólico, a etnometodologia.

se pode contemplar partes do acúmulo teórico e de técnicas procedimentais de outros quadros de referência, remodelados em sua estrutura compreensiva própria. Mas se amplia a capacidade de sondar e representar a realidade que a geografia acessa e discernir poderes e condições configuradoras mais profundas nas manifestações dos fenômenos.

Este é um artigo exploratório e expositivo, de revisão integrativa, elucidando e desenvolvendo arcabouços conceituais, desenvolvido a partir da minha pesquisa de doutorado (SOUZA, 2021). Procedo com revisão bibliográfica, com comparação e contraste de ideias e postulados teórico-metodológicos, esmiuçando a formulação de perguntas que levam aos tratamentos analíticos e apresentando alguns exemplos de pesquisas teóricas e empíricas.

Em primeiro momento apresento as mais relevantes categorias, conceitos e noções que o Realismo Crítico traz para a discussão. Inclui o arcabouço conceitual, a polêmica em que se insere no campo epistêmico e as possibilidades que abre para situar as questões suscitadas – bem como contribuições para o prisma que proporciona ambientá-las. Busca-se um enquadramento teórico-metodológico e de fundamentos da pesquisa apropriado para um profícuo e consistente estudo de problemas levantados na geografia.

Conforme o foco de determinadas passagens esteja mais sobre a ciência em geral, as ciências naturais ou ciências humanas, se transitará no emprego dos termos “Realismo Transcendental” (o termo “transcendental” é para se contrapor ao “realismo empirista”) quando se debruce mais realçadamente sobre as ciências naturais e “Realismo Crítico” quando sobre as ciências humanas.

Proponho-me a esboçar uma comparação e contrastes entre o Realismo Transcendental e Realismo Crítico e quadros de referência mais presentes na geografia contemporânea, como as oriundas da matriz positivista (como neopositivismo e positivismo lógico), de matriz construtivista, as tributárias do materialismo histórico-dialético (na Geografia Crítica), do Estruturalismo. Apresentarei a concepção da ontologia formulada por Roy Bhaskar, com a qual o autor parte da inda-

gação sobre qual a natureza da realidade que possibilita o empreendimento de conhecimento crítico e rigoroso, passando por preocupações coerentes para com a ética e prática social emancipatória, construindo daí sua concepção de “metarrealidade”.

Realismo Crítico: prelúdio em Si menor²

Sabe-se da tradicional tensão existente em termos do que seria a “filosofia anglófona” para com a “filosofia continental”. A filosofia anglófona foi marcada sob a sombra do legado empirista de David Hume e passou a ter acentuadas marcas do empirismo lógico (PATOMAKI; WIGHT, 2000, p.218-228). Estas marcas influenciaram a ideia de que o olhar do cientista deve se voltar para detectar padrões de regularidades na natureza, a fim de identificar se há um encadeamento generalizável destas regularidades e então apreender “leis”. A partir daí, procedendo com formalizações baseadas nestas regularidades para tecer previsões.

Alternativamente, pela via kantiana do idealismo transcendental, os objetos do conhecimento científico são fundamentalmente os modelos de comportamento dos fenômenos do mundo, ideais de ordem natural, imbricados nas matrizes do modo de conhecimento. Tais objetos são construções projetadas e, embora possam ser independentes de sujeitos individuais do conhecimento, não são independentes da atividade cognitiva humana em geral. A conjunção de eventos é necessária, mas insuficiente como condição de lei científica.

Tendo isso em vista, foi no núcleo destas convenções que Roy Bhaskar produziu um amplo programa alternativo (BHASKAR, 2010, p. 42-49). O autor provocou uma discussão a respeito das condições de inteligibilidade que a realidade deveria ter, de modo que a prática científica fosse coerente para com ela. Mais além, ultrapassando a questão entre conhecimento e realidade para abordar também práticas sociais, a ética e a busca de emancipação. Com isto, elaborou o pensamento sobre “metarrealidade”, sob os princípios de “realismo ontológico”, “relativismo epistemológico” e “racionalidade julgadora”.

² A nota Si, especialmente Si menor, por longo tempo foi considerada uma tonalidade “maldita” na música clássica da Idade Média, dada a estranheza que causava para a noção de harmonia vigente. Porém depois ganhou valor e destaque na Missa em Si Menor, de Bach. Não é vista como “harmônica natural”, mas nos instrumentos de corda em alguns estilos musicais a tonalidade emerge como que sendo “demandada” nas escalas.

Em sua obra seminal (BHASKAR, 1975; 2013), questionou as premissas hipotético-dedutivas acerca da causalidade em ciências como a física, a química, a biologia etc. Reconhece que suas profícuas conquistas de acúmulo de conhecimento não podem ser explicadas pela simples ideia de que a prática científica vive de modelar resultados de medições experimentais para utilidades preditivas. A ciência deve também interagir com a realidade ontológica. Isso, por sua vez, traria implicações sobre a natureza da causalidade. Por exemplo, no estado da arte da física e da cosmologia tem-se assentido que o universo é orquestrado por forças fundamentais comunicadas por relações de partículas. Relações que geram campos como o eletromagnético (transmitida pelas partículas fotônicas), força nuclear forte (glúons), força nuclear fraca (bósons W e Z) e bem possivelmente a própria gravidade (as hipotéticas partículas grávitons). As “leis” não seriam descrições de encadeamentos regulares intrincados, mas manifestações de poderes causais advindos de disposições estruturais dos componentes e processos derivados. As regularidades estatísticas possuem um limitado poder de explicação causal.

O mundo consiste em coisas, não eventos. Muitas coisas são objetos complexos, em virtude do que possuem um conjunto de tendências, atributos e poderes. É por referência ao exercício de suas tendências, atributos e poderes que os fenômenos do mundo são explicados (BHASKAR, 2013, p.41. Tradução nossa)³.

Demeritt; Wainwright (2005) discorrem sobre limitações das formalizações ergódicas do método hipotético-dedutivo apontadas por pesquisadores da geografia física com abertura ao realismo transcendental. Referem-se principalmente às dificuldades para explicar, não apenas descrever, os processos causais pelos quais variáveis dependentes relacionam-se com os valores das variáveis independentes. Realistas transcendentais propõem dadas técnicas de modelagens conceituais como alternativa ao empirismo lógico, permitindo parametrizações estocásticas que podem “distinguir os mecanismos necessários responsáveis pela causalidade de associações estatísticas puramente contingentes” (DEMERITT; WAINWRIGHT, 2005, p.219).

3 “The world consists of things, not events. Most things are complex objects, in virtue of which they possess an ensemble of tendencies, liabilities and powers. It is by reference to the exercise of their tendencies, liabilities and powers that the phenomena of the world are explained” (BHASKAR, 2013, p.41).

Com o Realismo Transcendental se questiona a perspectiva positivista e a empirista lógica que encaram a realidade como consistindo em encadeamento de eventos e estados. Se faz distinção ontológica entre padrões constantes de eventos, no domínio fenomenal, e mecanismos causais decorrentes da disposição das estruturas da realidade.

A perspectiva do Realismo Transcendental seria afluyente da tradição kantiana, contudo se diferencia fundamentalmente do idealismo transcendental, pois, em contraste com este, confere primazia ao ontológico antecedendo ao epistemológico. Como assim? O idealismo transcendental considera que a realidade depende, *prima facie*, da epistemologia – o fundamento primeiro da realidade estaria nas estruturas perceptivas do sujeito cognitivo. Já no Realismo Transcendental se considera que o fundamento primeiro estaria na ontologia, partindo dela para a epistemologia. O aparato epistemológico se reporta às coisas e relações do Real, não o inverso. Isto toca em problemáticas assinaladas em diversos programas de pesquisa, como, por exemplo, em ecologia – notadamente interdisciplinar:

[...] se estamos lidando com um sistema profundamente afetado por mudanças externas a ele, e continuamente confrontado pelo inesperado, a constância de seu comportamento torna-se menos importante do que a persistência das relações. A atenção se desloca, portanto, para o aspecto qualitativo e para as questões de existência ou não (HOLLING, 1973, p.1. Tradução nossa⁴).

Nesta citação, Holling desafia as alegações dos instrumentalistas sobre a ciência. O que leva a realçar a demarcação fundamental do Realismo Transcendental e, por conseguinte, do Realismo Crítico, para com o positivismo. Nos termos gerais dos segmentos do positivismo, as teorias são simplesmente um aparato instrumental suficiente para predizer fenômenos correlacionados com o que se pode observar sob controle técnico, expressadas com uma linguagem o mais consistente (CARNAP; NEURATH; HAN, 2010). Já no Realismo Transcendental, a apresentação dos níveis estratificados da realidade e a distinção entre

4 “...if we are dealing with a system profoundly affected by changes external to it, and continually confronted by the unexpected, the constancy of its behavior becomes less important than the persistence of the relationships. Attention shifts, therefore, to the qualitative and to questions of existence or not” (HOLLING, 1973, p. 1).

os domínios “transitivo” e “intransitivo” habilita alegar que se pode acessar a realidade em escalas de verossimilhança, fazendo descobertas, não apenas concebendo formas mais coesas de descrição – mesmo que persistam escalas não apreendidas ou apreendidas imperfeitamente. O domínio “intransitivo” se situa no ontológico e o “transitivo” no epistemológico.

Uma caixa-preta é entregue ao Escritório Meteorológico com a instrução ‘Informe o tempo de hoje pela abertura A e, pela abertura B, sairá a previsão do tempo para uma quinzena’. Olhe e contemple, funciona! A tarefa pragmática dos meteorologistas é perfeitamente (se bem que misteriosamente) executada. Você acha que eles iriam para casa? Nada disso! Eles desmontariam a caixa para descobrir como ela modelou a grande máquina térmica dos mares da Terra e da atmosfera de forma tão precisa. Como cientistas, eles sabem que essa previsão, embora perfeita, não é suficiente. Querem *entender* a natureza dos sistemas meteorológicos (POLKINGHORNE, 2001, p.28. Grifo do autor).

A demarcação do Realismo Crítico diante do Estruturalismo expressa as questões nevrálgicas sobre ontologia e pode ser ilustrada, emblematicamente, retomando a clássica discussão sobre o “dom” em Mauss desenvolvida por Levi-Strauss (2013) [1950]. Mauss (2008) [1924] arguia que o dom suscitava uma relação de reconhecimento e uma obrigação implícita de retribuição, através de uma conexão gerada, tendo como fator causal que, no dom, o que era doado estava investido de um tipo de essência do doador. O que era doado e aceito possuía um poder inerente que ativava forças sociais de códigos de honra e aliança. Levi-Strauss alegou que especulações a respeito das propriedades do dom eram dispensáveis: as relações dar-receber-retribuir estabeleciam uma estrutura. A estrutura, marcada na matriz da psiquê humana, estabeleceria o sistema de troca que explicava a necessidade de retribuição.

Mesmo não sendo necessário se tomar uma posição quanto ao que especificamente estaria presente nas propriedades do dom⁵, a visão realista crítica advoga que as dinâmicas estruturais são apenas *meios*

5 Entre outras possibilidades explicativas, teria a do “efeito de dependência” da trajetória de acúmulos institucionais estrangendo e impulsionando o que ocorre no momento presente.

pelos quais poderes causais se ativam. Não é o padrão relacional em si que estaria no fundamento analítico, mas as *propriedades substanciais* e, a partir delas, o *processo emergente* de formação da estrutura. Tal concepção articula categorias fulcrais: “*estruturas*”, constituindo-se nos sistemas e situações, que engendram “*poderes causais*” dos quais decorrem possibilidades e capacidades. Tais categorias, por sua vez, fariam parte da categoria do *Real*. A forma de manifestação dos “poderes causais” dá-se através dos “*mecanismos*”, que viabilizam assim o modo de funcionamento estrutural. O nível dos “*acontecimentos*” manifesta-se como resultado dos efeitos de um mecanismo ou da interação de mais de um mecanismo de naturezas distintas, naturezas essas que constituiriam a categoria “*tendências*”. A “*tendência*” é o modo de atuação do mecanismo. Os fenômenos ocorrem como resultado de tendências diferentes, ou o saldo de “*tendências*” e “*contratendências*”.

Essas quatro categorias (*estruturas*, *poderes causais*, *mecanismos* e *tendências*) constituem-se no domínio do “*Real*”. Quando o Real se processa no curso dos acontecimentos ou institui um estado de coisas, emana-se no domínio do “*Efetivo*”⁶. O “*Real*”, no qual se estabelece a existência, nem sempre se “*efetiva*”, o que depende do resultado da “*interatuação*” das tendências e mecanismos, estando assim em potencialidade; uma tendência pode frear outra. Os domínios do “*Real*” e do “*Efetivo*” são *níveis ontológicos*. Nossas formas e instrumentos para captar as experiências e as impressões decorrentes e/ou representáveis manifestam-se no domínio do “*Empírico*” - um *nível “epistemológico”*. Em sistemas abertos, a “*ativação*” de mecanismos é dependente de contextos. O “*Efetivo*” decorre da “*ativação*” dos poderes causais.

Quadro 01. Ontologia estratificada de acordo com realismo crítico

	Domínio do Real	Domínio do Efetivo	Domínio do Empírico
Mecanismos	✓		
Eventos	✓	✓	
Experiências	✓	✓	✓

Fonte: BHASKAR, 2014

⁶ *Actual*, em inglês. Optei por esta tradução por ter uma relação adequada com o “*Real*”, ante a tautologia incongruente em traduzir como “*realizado*” e a distorção de sentido que seria “*verdadeiro*” ou “*factual*”.

Sayer (2000, p. 12) ilustra, com o exemplo da distinção marxista entre “trabalho” e “força de trabalho”, que a “capacidade de trabalhar” e as estruturas físicas e mentais derivadas pertenceriam equivalentemente ao domínio do “Real”, ao passo que o exercício do poder do trabalho e seus efeitos competem ao domínio do “Efetivo”. No plano analítico, o exercício e os efeitos do poder do trabalho se manifestariam no “Empírico”.

Em várias metanarrativas tradicionais do iluminismo postulavam-se variantes de perspectivas epistemológicas fundacionistas⁷ (SOSA, 1980). A partir delas, no caso das ciências humanas, versava-se sobre o que seria o centro da vida social, bem como a base interpretativa dos fenômenos sociais, o fundamento essencial na dinâmica destes fenômenos (e para a compreensão deles). Em contraste, reações pós-modernas e/ou pós-estruturalistas advogam perspectivas multicêntricas ou a-cêntricas, com uma visão relativista ontológica e coerentista⁸.

O Realismo Crítico responde que um fenômeno pode ser resultado de ação de mais de um poder causal, por vezes contraditórios; por seu turno, um poder causal pode interagir com tendências diferentes levando a fenômenos variados. Sustenta-se uma cuidadosa interpretação pluralista, mas sem coibir uma possível referência a uma prioridade causal, dado que algumas estruturas são mais importantes do que outras em moldar resultados particulares. O que é mais central ou mais importante é relativo a quais objetos de estudo alguém ou um grupo está tentando explicar (SAYER, 2000, p. 72-73).

Danermark *et al.* (2002, p. 46-47) destaca que, em relação à análise das estruturas que estejam se articulando nos fenômenos sociais, tais articulações não remetem apenas às macrocondições abrangendo os fenômenos, mas aos vários níveis, desde níveis organizacionais até a ordem interna de grupos e de entes. As estruturas são associadas à composição daquilo que é estudado (ou seja, do que são compostos os seres, as relações, os processos, os sistemas etc.) - que é o que lhes faz serem o que são e não uma outra coisa. Para deslindar estruturas dos objetos de análise, há perguntas básicas que devem ser feitas. Perguntas

7 Que advoga por crenças indefectíveis fundamentais como justificativas para o conhecimento.

8 Teoria epistemológica na qual, basicamente, o teste de verdade para proposições é a coerência interna com um conjunto concernente de crenças justificáveis. Ver Rescher (1973).

quanto ao que se pressupõe sobre a existência destes objetos na forma em que estão se manifestando; sobre o que deve estar presente para se manifestarem nestas formas; sobre formas alternativas de existência possíveis para eles; sobre variações dos fatores causais para estas diferentes formas; e o que não pode ser removido sem fazer com que o objeto analisado deixe de existir na respectiva forma.

Yeung (1997) discute no contexto da geografia humana alguns princípios analíticos úteis para considerar um mecanismo causal sob o método de *abstração realista*:

Um realista, portanto, inicia um problema empírico e prossegue abstraindo a relação necessária entre o fenômeno concreto e as estruturas causais mais profundas para formar mecanismos gerativos. À medida que mais evidências empíricas são coletadas, um realista pode revisar ou reafirmar sua abstração para que o processo de iteração continue até que nenhuma outra evidência contraditória seja obtida e os supostos mecanismos geradores sejam robustos e poderosos o suficiente para explicar o fenômeno concreto (YEUNG, 1997, p.58. Tradução nossa)⁹.

A busca de “leis” consideradas como padrões de regularidades universais - premissa da visão positivista -, enfrenta problemas quando lida com ambientes que não sejam controlados ou simulações. Em sistemas abertos, estes tipos de regularidades dependem da integração de seus elementos no espaço-tempo (que não são causalmente indiferentes entre si). Autores na perspectiva do Realismo Crítico expressaram o “conceito gerativo” de “causação relativa a sistemas abertos”, nos quais os mecanismos geradores de poderes causais não estão isolados. Quando acionados, eles operam em conjunto com outros mecanismos geradores, produzindo um resultado complexo, codeterminado pelas interações (COLLIER, 1994, p. 62). De acordo com Sayer (2010, p. 149-151), as regularidades podem ser transitórias e são *espacialmente circunscritas*. Ele alerta ainda: “Mas quanto menos as explicações de eventos reais

⁹ “A realist thus start an empirical problem and proceeds or abstract the necessary relation between the concrete phenomenon and deeper causal structures to form generative mechanisms. As more empirical evidence is collected, a realist may revise or reaffirm his or her abstraction so that the process of iteration continues until no further contradictory evidence is obtained and the alleged generative mechanisms are robust and powerful enough to explain the concrete phenomenon” (YEUNG, 1997, p.58).

levam em conta as contingências da forma espacial, menos concretas elas [as explicações] podem afirmar ser” (SAYER, 2010, p. 151. Tradução nossa)¹⁰. As circunstâncias das relações no espaço [geograficidade] são relevantes para a forma como os fenômenos podem se manifestar.

Implicações epistemológicas e metodológicas para a pesquisa geográfica

A discussão pioneira de questões postas pelo Realismo Crítico, em relação as possibilidades de produção de conhecimento geográfico, foi produzida por Gregory (1978), abordando a hermenêutica da agência humana nos espaços e lugares. Contudo, as respostas formuladas pelo autor para a questão sujeito/objeto ainda estavam significativamente influenciadas pela fenomenologia. Ao longo das repercussões geradas, realistas críticos postularam que sujeitos sociais, bem como instituições e mecanismos das estruturas, a partir de propriedades emergentes, têm o potencial para transformar o espaço (concebido conjuntamente como efeito e contingência) e, no espaço transformado, se transformam os sujeitos, as instituições e as estruturas (SAYER, 2010, p. 80-158).

As estruturas sobre as quais, na análise Realista Transcendental/ Crítica, se busca identificar os mecanismos causais subjacentes sob condições observáveis contingentes, frequentemente possuem naturezas espaciais e/ou sociais (SAYER, 1985). Destarte, o espaço não é encarado como mero “receptáculo” ou “matéria-prima”. No entanto, *o espaço não é um causador*, mas, como já assinalado, *as estruturas que emergem espacialmente possuem poderes causais* incidentes em seu ambiente. De mecanismos específicos na espacialidade advêm tendências cujos resultados implicam efeitos no espaço. Sayer (1985; 2010) denuncia o que chama de “fetichização” do espaço, a atribuição, ao espaço em si, daquilo que é decorrente de poderes causais presentes nele. Seria um fetichismo imputar metafisicamente ao “puro espaço”, o que é devido a poderes causais advindos de entes que constituem a relação espacial.

10 “But the less explanations of actual events take account of the contingencies of spatial form, the less concrete they can claim to be” (SAYER, 2010, p.151).

Por consequência, o sentido da qualificação “socioespacial” é expressar que as dinâmicas em questão manifestam, conjugadamente, efeitos nas estruturas espaciais e em processos sociais.

Na geografia humana, o Realismo Crítico possui mais proximidades com alguns princípios metodológicos fundamentais abarcados na Geografia Crítica, embora com significativas distinções. Em ambos, na reflexão sobre a caracterização das formas sociais e das práticas dos sujeitos sociais no espaço, considera-se suas conexões com as estruturas da espacialidade e os poderes que são operados nestas conexões. Ou seja, não meramente se isola epistemologicamente dos demais elementos espaciais, para abstrair e categorizar. Sujeitos sociais distintos, unidades produtivas e de serviços, o poder público e as corporações, as infraestruturas, são concebidos como elementos do espaço interrelacionados, coerentemente com o raciocínio de Santos (2012, p. 16-17). Em um outro momento, Santos (1985), no bojo da geografia crítica, já articulava esta compreensão:

[...] a cada momento histórico cada elemento muda seu papel e sua posição no sistema temporal e no sistema espacial e a cada momento, o valor de cada qual deve ser tomado da sua relação com os demais elementos e com o todo [...] As variáveis ou elementos estão ligados entre si por uma organização, podendo funcionar a diferentes escalas. [...] Quando analisamos um dado espaço, se nós cogitamos apenas dos seus elementos, da natureza desses elementos ou das possíveis classes desses elementos, não ultrapassamos o domínio da abstração. É somente a relação que existe entre as coisas que nos permite conhecê-las e defini-las. Fatos isolados são abstrações e o que lhes dá concretude é a relação que mantêm entre si (SANTOS, 1985, p. 20-26).

Dentre fecundos pontos de interface e diálogo produtivo com a abordagem dialética, tal como discutida por Lefebvre (1983, p. 184, grifo do autor), ganha relevo o que se ressalta enquanto “conhecer um objeto ou fenômeno é justamente não o considerar como sendo isolado”, mas sendo “investigar suas *relações*, suas *causas*”. Com a ciência descontinando as coisas como não sendo apenas “separadas e distintas, *‘partes extra partes’*”, porém “ligadas através de *relações reais*” (LEFEBVRE, 1983,

p. 184, grifo do autor). Entretanto, faz-se mister respeitar as diferenças de categorias, não mesclar conceitos de sentidos diferentes e evitar o confundir-se entre os tratamentos dos objetos, para não se incorrer no ecletismo imponderado denunciado por este autor.

Em relação ao materialismo histórico e o método dialético¹¹, vitais para a pesquisa na geografia crítica (DINIZ FILHO, 2003), o Realismo Crítico particularmente enfatiza *tanto* uma dimensão vertical na busca da compreensão, referente ao escrutínio de mecanismos geradores para explicar resultados causais, *quanto* uma dimensão horizontal de causas antecedentes operando nas estruturas, levando às tendências. A compreensão do sistema causal no Realismo Crítico, de acordo com sua *ontologia estratificada*, se debruça sobre emergências “multiníveis” (seja vertical, seja horizontalmente) das forças causais, chamando a atenção para um esforço de explicação “multideterminado” dos fenômenos (WESTRA, 2019). Há uma maior abertura para admitir que, para causas de fenômenos, possam participar também fatores não materiais – como fatores mentais. Salientando que tais fatores, ainda que condicionados por processos físicos, não são inteiramente redutíveis a eles e representam níveis causais e explicativos sobre fenômenos físicos. Os níveis mentais e físicos, as experiências subjetivas e a materialidade são aspectos diferentes, reais e coexistentes na tessitura da realidade.

Uma ponte pode ser estabelecida com a representação matricial, de caráter “mais sugestivo que limitativo”, na qual Harvey (2012) coloca sua divisão tripartite em que os pontos de interseção “remetem a diferentes modalidades de compreensão dos significados do espaço e do espaço-tempo”. Mais adiante, Harvey (2012, p. 30) elabora outra representação matricial das perspectivas espaço-temporais segundo o que seria sua interpretação e uso da teoria marxiana. Pontua que, se a primeira matriz seria uma representação dos possíveis significados do espaço como palavra-chave, na segunda representação “nenhuma prioridade pode ser conferida a um dos quadros espaço-temporais” (HARVEY, 2012, p.32). Yoshida (2011), pesquisando sobre punição física

11 Outra questão é que o quadro de referência do método é o materialismo histórico-dialético, tributário do pensamento marxista. Conquanto muitos expoentes do Realismo Crítico são considerados “neomarxistas”, ele não exige necessariamente uma adesão plena ao marxismo, embora as influências sejam significativas.

em escolas primárias em Dar-e-Salaam, na Tanzânia, caracterizou a expressão do domínio do Empírico por abranger como sentimos, observamos, registramos e interpretamos experiências¹², o que se relaciona com os Espaços de Representação, de Harvey.

Acompanhando a compreensão em termos de poderes causais dos mecanismos de funcionamento das estruturas (SAYER, 2000, p. 18; BHASKAR, 2010, p. 85-87; FAIRCLOUGH, JESSOP; SAYER, 2016), as razões dos sujeitos podem se constituir explicações causais na medida em que suscitam pensamentos, ilocuções e ações diversas, gerando fenômenos e efeitos detectáveis. No entanto, cabe a advertência de Putnam (2008, p. 117) sobre a preocupação com o grau relativo de autonomia das decisões de um agente, pois mesmo sob a visão de que as razões sejam "(espécies de) causas, ninguém supõe que *todas* as causas de nossas decisões são razões" (grifo do autor).

No Realismo Transcendental, os fenômenos sociais podem ser compreendidos se inquirindo acerca dos poderes causais e analisados no bojo de processos nos quais se desencadeiam e se desenvolvem. Estes princípios são importantes para a esquematização dos percursos e fins das pesquisas, tendo como pivô seus objetivos gerais, mirando os problemas que são formulados. Se investiga as estruturas e suas potencialidades, assim como a forma característica do funcionamento destas estruturas (o que baliza o curso dos eventos em questão) para, então, buscar elucidar os modos de atuação (SAYER, 2010, p.106-112). Se empreende identificar a operação de mecanismos e as tendências desencadeadas, discernir o papel dos entes e/ou sujeitos integrados nas estruturas e sua função nelas, o que está incidindo sobre estes entes e/ou sujeitos, a diferença que eles e suas especificidades fazem para a feição da estrutura e como podem variá-la. Se busca distinguir as tendências e contratendências relativas às configurações resultantes.

Dentro deste entendimento, o Realismo Crítico permite articular coerentemente uma ampla gama de instrumentos e técnicas de pesquisa (SAYER, 2000, p.20). Como exemplo destas possibilidades, conjugar técnicas de abordagens qualitativas com quantitativas, reportadas à estrutura em meio a qual se manifesta a realidade empírica, destacando-

12 Por exemplo, durante entrevistas, as crianças expressaram sua dor após serem punidas tendo que ficar horas ajoelhadas no chão duro, o que refletiu na dificuldade de ir para a escola no dia seguinte.

-se um estratagema de “triangulação” (SCOTT, 2007). Em tal estratagema, inter-relaciona-se dados empíricos e abstrações teóricas por meio de trocas de informações obtidas pelos instrumentos de observação dos objetos (DOWNWARD; FINCH; RAMSAY, 2002).

O Realismo Crítico substitui o modelo de regularidade por outro no qual os objetos e as relações sociais têm poderes causais que podem ou não produzir regularidades e que podem ser explicados independentemente delas. Em vista disso, menos peso é colocado sobre métodos quantitativos para descobrir e avaliar regularidades e mais em métodos para estabelecer a natureza qualitativa dos objetos e relações sociais dos quais os mecanismos causais dependem (SAYER, 2010, p.3. Tradução nossa)¹³.

Como exemplo, Okkonen (2009) aplicou um aparato teórico-metodológico de *retrodução* na análise de gestão de resíduos e subprodutos e produção de bioenergia, sob o prisma do Realismo Crítico, junto com a abordagem de sistemas evolutivos. Estruturou sua pesquisa integrando sistemas geofísicos e geossociais, delineando suas estruturas, identificando fluxos de materiais e balanços de massa. Modelou o sistema identificado por Indicadores de Ecossistema Industrial (IEI), aplicando em cenários de evolução de sistemas. Na identificação de mecanismos operadores nos negócios da energia derivada da madeira, subordinou a preditividade da modelagem à busca de verossimilhança, para a simulação dos preços e avaliação de viabilidade econômica.

Sob este quadro de referência ainda podemos articular um expediente lógico para captar e conceituar mecanismos geradores: a *abstração interativa realística*. Objetiva-se com ela distinguir os mecanismos operadores de poderes causais em relação aos fenômenos, tendo em mente que estes mecanismos emergem na estrutura do Real, não-reduzíveis ao Empírico. À medida que vai se produzindo dados empíricos, reforça-se ou se revisa as abstrações que se centram em aspectos parciais dos objetos de estudo, pondo em crivo evidências contraditórias.

13 “Realism replaces the regularity model with one in which objects and social relations have causal powers which may or may not produce regularities, and which can be explained independently of them. In view of this, less weight is put on quantitative methods for discovering and assessing regularities and more on methods of establishing the qualitative nature of social objects and relations on which causal mechanisms depend” (SAYER, 2010, p.3).

rias até que, eliminando-as, se detecte os mecanismos (YEUNG, 1997). Com a *abstração interativa realística*, se ensaja atuar com dois critérios analíticos básicos de julgamento que podem ser expressos pelos questionamentos:

- 1) Quando este mecanismo é ativado sob circunstâncias ou contingências apropriadas, o fenômeno proposto ocorrerá?
- 2) Esse fenômeno pode ser causado por outros mecanismos? Se sim, a proposição não pode ser um mecanismo gerador porque não é exclusiva (YEUNG, 1997 p.59. Tradução nossa)¹⁴.

Quando uma nova abstração não confere acréscimos significativos de rigor teórico ao mecanismo gerativo, cuja adequação explicativa para o fenômeno já está empiricamente consistente, ocorre uma “saturação teórica”.

Se estruturas e mecanismos geradores são reais, então há um critério claro para distinguir entre uma sequência necessária e uma sequência accidental: uma sequência “Ea-Eb” é necessária se e somente se houver uma estrutura ou mecanismo gerador que, quando estimulado pelo evento descrito por “Ea”, produz “Eb”. Se podemos ter conhecimento empírico de tais estruturas ou mecanismos geradores, então podemos ter conhecimento da necessidade natural *a posteriori* (BHASKAR, 2013, p.8. Tradução nossa)¹⁵.

Representando uma alternativa ponderada entre o positivismo e o construtivismo, o Realismo Crítico contrasta com o ceticismo ontológico de ambos. Ceticismo quanto à possibilidade de o conhecimento reportar-se a uma realidade em si que lhe seria o arbítrio de acuracidade. Em ambos, no positivismo e no construtivismo, se costuma considerar tal

14 “1) When this mechanism is activated under appropriate circumstances or contingencies, will the proposed phenomenon occur?

2) Can this phenomenon be caused by other mechanisms? If yes, the proposition cannot be a generative mechanism because it is not exclusive” (YEUNG, 1997, p.59).

15 “If generative mechanisms and structures are real then there is a clear criterion for distinguishing between a necessary and an accidental sequence: a sequence Ea . Eb is necessary if and only if there is a generative mechanism or structure which when stimulated by the event described by ‘Ea’ produces Eb. If we can have empirical knowledge of such generative mechanisms or structures then we can have knowledge of natural necessity *a posteriori*” (BHASKAR, 2013, p.8).

“realidade” como, na melhor das hipóteses, inapreensível. Sobre o positivismo, já discuti. Mas contrapõe-se também ao pressuposto construtivista de que os fatos não são eixos para proposições (posto que, nesta ótica, não são apreendidos mais do que como construções discursivas) e de que todos os fenômenos só podem ser percebidos como representações (BASKHAR, 2013; ROCKMORE, 2016). Como Taylor pontua

A abordagem do Realismo Crítico permite ao pesquisador identificar, explorar e buscar compreender as estruturas e mecanismos que fazem com que os eventos aconteçam. Durante o processo de investigação, o pesquisador pode contextualizar aspectos do mundo objetivo, bem como construções do mundo social que influenciam ou determinam o elo de causalidade (TAYLOR, 2018, p.218. Tradução nossa¹⁶).

É marca crucial do Realismo Crítico combater o que é chamado de “Falácia Epistêmica”. Ela consiste em confundir o nível epistemológico com o nível ontológico, ou tratar e elaborar discursos sobre este último que são, na verdade, apropriados para o primeiro – uma forma de falácia de confundimento (argumentação que faz associações distorcidas). No Realismo Crítico se ressalta que as condições do processo de conhecimento não devem ser confundidas com as condições das coisas que se busca conhecer. Uma coisa é um nível de realidade que existe independente, antes e além do ser humano, outra é a captação cognitiva possível desta realidade. A *ontologia estratificada* implica que é da própria natureza da realidade que se infere a incompletude da busca de sua compreensão, pois as detecções sobre o que acontecem no domínio do Empírico não podem esgotar o que pode se suceder entre o domínio do Real e o do Efetivo.

Bhaskar (2013, p.14) aponta que o parâmetro é a compatibilização de três princípios: “realismo ontológico”, “relatividade epistemológica” - o pressuposto de que *as crenças* são socialmente produzidas e falíveis - e a “racionalidade julgadora” (marcos para abordar o que ele formula como “metarrealidade”). A “racionalidade julgadora” é um conceito no

16 “The Critical Realist approach allows the researcher to identify, explore and seek to understand the structures and mechanisms that cause events to happen. During the investigation process the researcher can contextualize aspects of the objective world as well as constructs from the social world that influence or determine the link of causation” (TAYLOR, 2018, p.218).

qual se assevera que, ainda que nosso conhecimento seja relativo, pode-se produzir, em contextos particulares, argumentos acurados para justificar se preferir um conjunto de teorias sobre a realidade em relação a outras teorias. Sayer (2010, p.5) salienta que “o conhecimento não está imune à verificação empírica e sua efetividade em informar e explicar a prática material bem-sucedida não é mero acidente”.

Imbricadas nas questões de posicionamento e movimento nas paisagens e estruturas espaciais, a pesquisa geográfica aborda fenômenos físico-químicos, ecológicos, sensoriais, as organizações e instituições, as relações sociais e aparatos infraestruturais, pessoas e grupos sociais, processos e efeitos, espaço-tempo, fenômenos cognitivos e comportamentais, ações e consequências. Como se pode pensar acerca de relações de determinação ou causação? Como engendraríamos raciocínios justificados e sistemáticos acerca de questões de mudança e/ou permanências, de transformações, de resiliências, de resistências e de vulnerabilidades, assertivas à realidade empírica?

Algumas alternativas buscadas para estes problemas orientaram-se por perspectivas nominalistas, que negam a realidade objetiva ou o *status* ontológico de relações com propriedades de amalgamar substâncias particulares, relegando estas relações ao papel de construtos linguísticos. Ou orientaram-se por perspectivas voluntaristas: entes ou indivíduos representados atomisticamente, em reducionismos utilitaristas, como empregado na economia neoclássica. Em outro extremo, em teorias de sistemas sociais, por vezes os indivíduos são representados como partículas em moinhos estruturais (HARVEY, 2002). A respeito, Margaret Archer advertiu:

Aqueles cuja reflexão os leva a rejeitar a grandiosa ilusão de serem titereiros, mas também a resistir à suposta conclusão de que eles são meras marionetes, têm então a mesma tarefa de reconciliar essa bivalência experimental e, devem fazê-lo, se sua escolha moral não é se tornarem inertes ou, suas ações “políticas”, ineficazes. Consequentemente, ao enfrentar o problema da estrutura e da agência, os teóricos sociais não estão apenas abordando proble-

mas técnicos cruciais no estudo da sociedade, mas também estão confrontando o problema social mais urgente da condição humana (ARCHER, 1988, p.x. Tradução nossa)¹⁷.

Roy Bhaskar concebeu o que chamou de “modelo transformacional da atividade social” - MTAS - (BHASKAR, 2014, p.34), arguindo que a estrutura foi sempre necessária para a agência e, ao mesmo tempo, a agência reproduziu ou transformou estruturas (BHASKAR, 2013, p. 276). A figura a seguir representa a “socialização” segundo o MTAS de Roy Bhaskar:

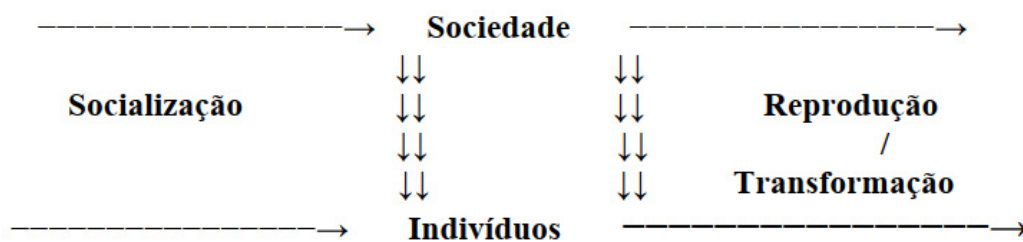


Figura 01. Modelo Transformacional da Atividade Social

Fonte: BHASKAR, 2014, p. 36

A este respeito, uma das posições mais refinadas entre os realistas críticos é a postulada por Archer (2000, p. 465), ao propor que as estruturas sociais são ordinariamente dependentes de simultaneidades de “interatuações” sociais e os efeitos causais das estruturas sociais são sempre mediados pelas práticas humanas. Os sujeitos e grupos sociais agem sob situações em que tentam realizar suas intenções e proteger seus interesses. Circunstâncias nas quais reproduzem, influenciam ou transformam estruturas e condicionantes em que estão inseridos – também sendo afetados no mesmo transcurso. Esta é a abordagem da “dupla morfogenética” de Archer (1995; 2000):

o problema central ao se teorizar sobre agência diz respeito a como conceituar o agente humano como alguém que é parcialmente formado por sua socialidade (*sociality*), mas que também tem a capacidade de transformar parcialmente sua sociedade. (ARCHER, 2000, p. 52).

¹⁷ “Those whose re-flection leads them to reject the grandiose delusion of being puppet-masters but also to resist the supine conclusion that they are mere marionettes then have the same task of reconciling this experimental bivalence and must do so if their moral choice is not to become inert or their ‘political’ action ineffectual. Consequently, in facing up to the problem of structure and agency social theo-rists are not just addressing crucial technical problems in the study of society, they are also con-fronting the most pressing social problem of the human condition” (ARCHER, 1988, p.x).

Sob este discernimento, na operacionalização de pesquisas de ciências humanas (inclusive geográfica) que se preocupam com processos de transformação, é importante se respeitar a distinção analítica para com as relações entre as estruturas sociais e as práticas cotidianas no ambiente. Ao mesmo tempo evitando-se uma clivagem ontológica, como se cada uma ocorresse em esferas de existência independentes, uma autônoma de estruturas sociais à parte de outra autônoma de práticas humanas, “mundos paralelos virtuais”. As práticas produzem, reproduzem e/ou transformam as estruturas sociais e sistemas culturais, ainda que estes tenham uma relativa autonomia. Dentre as implicações,

Uma consideração realista crítica sobre a estruturação social deve ser sensível à complexa relação dialética que está implicada na emergência, reprodução e transformação das estruturas sociais a partir das ações sociais e da influência recíproca dessas estruturas emergentes nas ações sociais em curso (FAIRCLOUGH, JESSOP; SAYER, 2002 – tradução por FOSCACHES, 2016, p. 12).

Concebendo estas relações em termos de propriedades emergentes, Sawyer (2005) esquematizou um modelo em cinco níveis para uma ontologia social crítica-realista respondendo à preocupação da relação agente-estrutura:

- Individual – Nível A: Intenções, agência, memória, personalidade, processos cognitivos;
- Interação – Nível B: Padrões de discurso, interações simbólicas, colaboração, negociação individual;
- Emergências efêmeras – Nível C: Tópicos, contextos, quadro interacional, estrutura da participação, regras relativas, atribuição de status;
- Emergências estáveis – Nível D – Subculturas de grupos, gírias e lemas de grupo, rotinas de conversação, práticas sociais compartilhadas, memórias coletivas;
- Estrutura social – Nível E – produções textuais (incluindo leis, procedimentos, regulamentos), infraestrutura e aparatos materiais (arquitetura, desenho urbano, redes de transporte e comunicação).

A discussão de Massey (2008) oportuniza uma aproximação. O espaço segundo a autora trata-se “da esfera da produção contínua e da reconfiguração da heterogeneidade, sob todas as suas formas – diversidade, subordinação, interesses conflitantes” (MASSEY, 2008, p. 97). Nele ocorrem disputas de poder, inclusive simbólicos e valorativos, nos quais se busca substituir, ressignificar ou reformular os discursos para motivar a ação social coerente com diferentes demandas e escalas de prioridades de decisões. Para Massey, “À medida que o debate se desenvolve, o que começa a ser focalizado é o que isso deve trazer à tona: uma política relacional para um espaço relacional” (MASSEY, 2006, p.97-98).

As representações dos fenômenos são dependentes dos conceitos nos quais eles são contextualizados (SAYER, 2000). Como Andrew Sayer pontua, as ideias contêm “condições e efeitos (tanto ideacionais como textuais e materiais) que diferem daqueles que eles [quem tem e expressa as ideias] reconhecem e pretendem¹⁸” (SAYER, 2000, p.45. Tradução nossa). As institucionalidades são assim concebidas: intersubjetividades conscientes e inconscientes que filtram os saberes prévios antes de serem declarados e enquanto são declarados (e mesmo após serem declarados), que remodelam, que expandem ou constroem. Elementos constitutivos referenciais para o conteúdo a ser analisado e sistematizado nos estudos. É o que expressa o *relativismo epistemológico*.

As representações estão no campo das *práticas sociais* e das *ideologias* (temas também da geografia crítica), entrelaçadas a subconjuntos tanto do discursivo quanto do extra-discursivo (FAIRCLOUGH; JESSOP; SAYER, 2016). Elas também estão “imersas em práticas sociais materiais, códigos de comportamento, instituições e ambientes construídos¹⁹” (SAYER, 2000, p.44, tradução nossa). Com esta compreensão, podemos nos mover através dos fenômenos empíricos detectáveis e das representações teóricas.

No plano da pesquisa teórica, Anderson (2016) sondou sobre como se pode dirimir, com o arcabouço do Realismo Crítico, desacordos entre as pesquisas empíricas e estatísticas *versus* pesquisas construcionistas

18 “conditions and effects (both ideational/textual and material) that differ from those that they acknowledge and intend” (SAYER, 2000, p.45).

19 “embedded in material social practices, codes of behavior, institutions and constructed environments” (SAYER, 2000, p.44)

sociais sobre crenças, comportamentos e valores. O foco foi nos estudos geográficos sobre crianças e jovens, envolvendo avaliações de desempenho educacional, condições de vida, subjetividade, padrões culturais. Perscrutou meios de relacionar fenômenos de escala micro com poderes causais de escala macro que incidem e moldam a vida das crianças. Apresentou uma estrutura formal que permite que os geógrafos de estudos sobre crianças e jovens projetem, analisem e relatem pesquisas consistentes destinadas a informar políticas e práticas para beneficiar as crianças. Reid (2019) aplicou ferramentas teórico-metodológicas do Realismo Crítico no estudo de determinantes sociais da saúde em áreas rurais. Usando um estudo de caso da África do Sul, argumentou que as ferramentas integram dimensões objetivas e subjetivas, políticas e socioeconômicas, em modelos conceituais que mostram fundamentos geográficos e históricos nas condições de saúde.

Em um recorte mais empírico, Fletcher (2017) pesquisou como mulheres na agricultura familiar da província canadense de Saskatchewan são afetadas por mudanças de grande vulto na política agrícola e como elas respondem a essas mudanças. Os principais focos foram sobre a eliminação de um programa de apoio popular ao transporte logístico para produtores de grãos e a introdução de uma legislação de direitos de propriedade intelectual sobre variedades de sementes. As medidas permitiam uma expansão da proporção econômica de corporações empresariais na agricultura.

A autora estruturou seus procedimentos sob o quadro referencial do Realismo Crítico como: identificação de “demirregularidades” (informações que combinadas tomam direções semiprevisíveis); abdução, ou redescrição sob composição teórica; retrodução, distinguindo condições contextuais necessárias para que um mecanismo causal próprio opere e resulte nas tendências empíricas observadas. Sob um escopo e com um arcabouço qualitativo, ela pôde se valer também de técnicas quantitativas.

Fletcher (2017) relata que, ao preparar seu estudo, possuía certas expectativas de acordo com seu acúmulo teórico e bibliográfico: de que o aumento do trabalho fora da propriedade, por parte das mulheres, tivesse como causa pressões financeiras na unidade; de que o mecanismo causal destas pressões fossem as mudanças nas políticas agrícolas.

Mas com o emprego do Realismo Crítico, a autora se surpreendeu com os resultados, que indicaram a ela como os principais mecanismos causais as ideologias que moldavam as relações de gênero e o que chamou de “corporativização”, ou seja, as grandes companhias empresariais incrementando sua participação na renda agrícola. Detectou que uma ideologia de papéis de gênero estruturava a vida das mulheres no campo e posicionava periféricamente suas contribuições, sem participarem das tomadas de decisão. Elas eram reconhecidas como “ajudantes” do trabalho masculino, tido como protagonista, o que impulsionou suas motivações para buscarem trabalho e renda fora da propriedade. Se formou assim um mecanismo que operou tendências para os padrões de trabalho das mulheres agricultoras familiares. A pressão econômica resultante da “corporativização” impelia às famílias agricultoras a intensificarem a competição entre si, por lucratividade e por disponibilidade de terra. A boa ciência é aberta ao inesperado.

Articulando a exploração geográfica teórica e empírica, Naess (2005) produziu um exame de correlações realçadas na literatura especializada entre a localização residencial e os hábitos de locomoção das pessoas na região metropolitana de Copenhague, especialmente, do uso de carro e de proximidade a equipamentos urbanos. Cruzou fatores tradicionais na abordagem da temática, como o distanciamento espacial dos pontos de comunicação e o deslocamento, com aspectos socioeconômicos, considerando as razões intencionais que as pessoas manifestam nos seus hábitos de transporte. Realizou entrevistas afins a metodologias qualitativas ao invés de questionários. Após, empregou ferramentas estatísticas para discernir elementos mais comuns que afluíram. Entretanto, chamou a atenção a respeito do quanto os elementos estavam imersos e dependentes de contextos qualitativos socioculturais: “Portanto, os níveis estatísticos de significância são apenas indicadores da certeza das várias relações encontradas na amostra” (NAESS, 2005, p.190. Tradução nossa)²⁰.

O autor usou a retrodução para descortinar, mais profundamente, a manifestação de mecanismos operadores, alguns dos quais se tinha mais expectativa de identificar e outros que não estavam sendo levados em conta o suficiente no desenho da pesquisa. “As análises esta-

20 “Therefore, the statistical levels of significance are only indicators of the certainty of the various relationships found within the sample” (NAESS, 2005, p.190).

tísticas foram, portanto, processos exploratórios (ainda que informados pela teoria) em vez de uma forma pré-programada e dedutiva de procedimento” (NAESS, 2005, p. 301. Tradução nossa)²¹. Manifestou-se uma interdependência de fatores influentes na proporção da distância anual percorrida de carro pelos moradores, de acordo com o local habitado. Além da distância espacial, foram consideradas a densidade de habitantes, a proporção de proprietários de veículos, de licenças para dirigir, os hábitos noturnos, idade, sexo, se a pessoa era uma pensionista, se era estudante.

A compreensão que aqui foi frisada, de que categorias e conceitos são dependentes de contextos, é um freio de comedimento à pretensão de impor um monismo epistêmico radical, como se houvesse uma espécie de “contexto unificado total” para as condições de apreensão e construção metodológica do conhecimento, independente do objeto.

Ao se analisar um cenário de problema de pesquisa geográfica, delinear-se-ia seus objetos analisados, vinculando-os epistemologicamente entre si, combinando com a preocupação de não se descaracterizar os tratamentos dos objetos como propriedades adequadas dessa disciplina. O tratamento destes objetos sob categorias diferentes lhes situaria em contextos epistemológicos distintos. As categorias situam os contextos epistemológicos dos objetos de estudo, que por sua vez suscitam diferentes meios e possibilidades de análise. Constrói-se desta forma o âmbito analítico e as ferramentas de observação próprios para tratar geograficamente os problemas de pesquisa.

Em princípio, é possível abordar um mesmo recorte geográfico com categorias como espaço, como lugar, paisagem, região, ou como território, respeitando respectivos escopos epistemológicos em cada tratamento, para atender objetivos dados - ponto de contato com a discussão de SUERTEGARAY (2001). No Realismo Crítico, a categoria seria a mediação entre o domínio intransitivo e transitivo do conhecimento. As categorias do pensamento e tratamento geográficos ficam assim pressupostas como classes (no sentido análogo das divisões taxonômicas) de domínios epistemológicos distinguidos, facultando enfoques epistemológicos de áreas e aspectos particulares (que podem se interrelacio-

21 “The statistical analyses were thus explorative (yet theory informed) processes rather than a pre-programmed, deductive way of working” (NAESS, 2005, p.301).

nar) dos objetos de estudo. Em cada domínio operam-se coordenações epistemológicas próprias. É o objeto sobre o qual refletimos que orienta a preocupação com o(s) parâmetro (s) para o(s) tratamento (s) categorial (is). O que diferencia no tratamento de um recorte da realidade por uma categoria ou outra seria o escopo epistemológico daquilo que se está estudando. Entra aí a atenção sobre o que é próprio do nível ontológico e do nível epistemológico.

Considerações finais

No artigo exploro o argumento de que o Realismo Transcendental e o Realismo Crítico constituem uma filosofia da ciência que potencializa fecundos recursos de compreensão ontológica e epistemológica para a geografia. E assim, abre-se um quadro de referência propício para sinergias entre diversas áreas de estudo da disciplina.

Proponho que nas pesquisas, ao invés de focar em representar padrões regulares universais e conjunções intrincadas de eventos, se busque discernir as estruturas dos entes. Estruturas em cujas disposições próprias dos seus elementos constituintes, forças causais são engendradas - e que ativam mecanismos propulsores de tendências. Fenômenos empiricamente detectáveis seriam resultado de saldos de interações de tendências diferentes. Em sistemas abertos, tendências e contratendências advindas da operação, não só de seus mecanismos diretos, mas também de forças externas aos respectivos sistemas, influem para o saldo daquilo que se manifesta empiricamente.

Nas ciências humanas, a posição social dos sujeitos e o alcance de suas preocupações e motivações subjetivas proporcionam restrições e possibilidades que mediam as interações entre os campos do simbólico e o das relações sociais, estruturando situações em que os do campo simbólico influem sobre as relações. Tal perspectiva teórico-metodológica dispõe de novas formas e traz mais nuances para questões tradicionais acerca de determinismo x possibilismo, homogenismo x ecletismo, essencialismo x instrumentalismo, estrutura x agência, ideal x material, transformações x resiliências, concepção e critério de decisão

entre categorias analíticas. Também oportuniza traçar esquemas metodológicos para combinações de instrumentos e técnicas qualitativas e quantitativas, com flexibilidade, mas congruência, a fim de discernir naturezas de objetos, de relações e mecanismos causais associados.

Na análise de fenômenos complexos, o Realismo Crítico concilia uma abordagem sistêmica com a preocupação com o desenvolvimento dos processos de formação, evolução e transformação dos sistemas. A premissa nomotética de regularidades engrenadas é mais concernente a sistemas fechados. Nos sistemas abertos, que predominam na natureza e sociedade, os poderes causais advindos das disposições na constituição dos seres podem ou não produzir regularidades. E estes poderes causais são passivos de serem explicados independente das regularidades contingentes. Medições estatísticas podem ser vistas como auxiliares para o cruzamento de fatores explicativos, concorrentes ou complementares, sendo elas combinadas com indagações sobre a qualidade das relações estruturais, à luz de buscas pelas disposições dos elementos e das forças que potencializam a operação de mecanismos causais.

Estas compreensões podem não se coadunar com procedimentos que se restringem em modelar formalmente comportamentos dos fenômenos, mensurando frequências de dados tabulados. Estes procedimentos “extensivos” podem complementar procedimentos “intensivos” para examinar processos causais. Podemos, não raro, ter que ceder quanto a amplitude da mensurabilidade de dados e de deduções ergódicas agrupadas e sistematizadas; porém, esperando compensar em explorações mais aprofundadas e apropriadas à natureza de sistemas abertos. Por vezes, não se singra com uma lancha mais veloz uma superfície maior do mar, mas se pode realizar mais mergulhos nele.

Prioriza-se captar fatores e condições que viabilizam ou obstruem os encadeamentos e a manifestação das conjunções de eventos. Neste esforço, instrumentos e técnicas de quadros de referência diversos do Realismo Crítico, como as modelagens formais ou como os mapas mentais da abordagem fenomenológica, podem ser aproveitados com cautelosos limites e com as adaptações chamadas de “abstração” (PRATT, 1995; YOUNG, 1997), ajudando a distinguir relações entre objetos com efeitos mais significativos das com efeitos menos significativos.

O propósito de se escrutinar as disposições dos elementos constituintes dos sistemas, sob a preocupação de desvendar os poderes causais decorrentes e a formação de mecanismos operadores, abre uma perspectiva peculiar na análise das estruturas geográficas. Não se considera o espaço como mero “reservatório” ou “cenário”, nem se atribui ao espaço, metafisicamente, a propriedade de sustentar “leis” ou operar efeitos. Permite se superar a clivagem entre “ideográfico x nomotética”. O alvo está na apreensão de estruturas que se expressam sob a categoria geográfica (seja espaço, lugar, paisagem, região, território) e os entes, as relações e processos constituintes delas. E com isso, respectivos poderes causais incidentes que, através de mecanismos próprios do âmbito da categoria de análise, geram tendências cujos resultados implicam efeitos no ambiente do enquadramento geográfico. Na busca de discernir mecanismos propulsores de tendências, ativados pelos poderes causais, abrimo-nos a sondar princípios configuradores mais profundos que estejam ocorrendo subjacentes aos processos da realidade em questão. O potencial também faz parte do Real.

Referências

- ANDERSON, Priscila. Critical Realism and Research Design and Analysis in Geographies of Children and Young People. In: Evans, Ruth e Holt, Louise (eds) *Geographies of Children and Young People: Methodological Approaches*. Singapore: Springer Reference, 2016.
- ARCHER, Margaret. *Culture and Agency: The Place of Culture in Social Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- ARCHER, Margaret. *Realist Social Theory: The Morphogenetic Approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- ARCHER, Margaret. *Realismo e o Problema da Agência* - Tradução de Cynthia Hamlin. Estudos de Sociologia, Revista do Prog. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v.2, n.6, 2000. p. 51-75.
- BHASKAR, Roy. *The formation of critical realism: a personal perspective*. Hartwig, Mervyn. (1st ed.). London: Routledge, 2010.

BHASKAR, Roy. *Reclaiming reality: A critical introduction to contemporary philosophy*. London: Routledge, 2010.

BHASKAR, Roy. *A realist theory of science*. London: Routledge, 2013.

BHASKAR, Roy. *The possibility of naturalism: A philosophical critique of the contemporary human sciences*. Routledge, 2014.

CARNAP, Rudolf; NEURATH, Otto; HAHN, Hans. *A concepção científica do mundo – O Círculo de Viena*. Cadernos de História e Filosofia da Ciência, vol. 10, 1986. p. 5-20.

COLLIER, Andrew. *Critical realism: an introduction to Roy Bhaskar's philosophy*. London: Verso Books, 1994.

DANERMARK, Berth et al. Theory in the methodology of social science. *Explaining society: critical realism in the social sciences*. New York: Routledge, 2002. p. 115-49.

DEMERITT, David; WAINWRIGHT, John. *Models, modelling, and geography*. Questioning Geography. Oxford: Blackwell, 2005. p. 206-25.

DINIZ FILHO, Luis Lopes. *A geografia crítica brasileira: reflexões sobre um debate recente*. Geografia, v. 28, n. 3, p. 307-321, 2003.

DOWNWARD, Paul; FINCH, John H.; RAMSAY, John. *Critical realism, empirical methods and inference: a critical discussion*. Cambridge: Cambridge journal of economics, v. 26, n. 4, 2002. p. 481-500.

FAIRCLOUGH, Norman; JESSOP, Bob; SAYER, Andrew. *Realismo crítico e semiose*. Traduzido por Gabriel Valdez Foscaches. Revista Letra Capital, v. 1, n. 1, 2016. p. 43-69.

Fletcher, Amber J. *Applying Critical Realism in Qualitative Research:*

Methodology Meets Method. International Journal of Social Research Methodology, 20(2), 2017. p. 181-194.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GREGORY, Derek. *Ideology, science and human geography*. Nova York: St. Martin Press, 1978.

HARVEY, David. L. *Agency and community: A critical realist paradigm*. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 32(2), 2002. p. 163-194. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1468-5914.00182>. Acesso em 22 nov. 2022.

HARVEY, David. *O espaço como palavra-chave*. *GEOgraphia*. UFF, v.14, n.28, 2012. p.8-39.

HOLLING, Crawford Stanley. *Program for Ecology and Environment Project*. IIASA Working Paper. IIASA, Laxenburg, Austria. Disponível em <http://pure.iiasa.ac.at/id/eprint/33/>. Acesso em 08 abril 2022.

LEFEBVRE, Henri. *Lógica Formal/lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Introduction to the work of Marcel Mauss*. Routledge, 2013.

NÆSS, Petter. *Residential location affects travel behavior—but how and why? The case of Copenhagen metropolitan area*. *Progress in Planning*, v. 2, n. 63, 2005. p. 167-257.

OKKONEN, Lasse. *Systems evolution of waste and by-product management and bioenergy production*. Joensuun yliopisto, 2009.

MASSEY, Doreen. *Pensamentos Itinerantes*. São Paulo: Terra Livre, ano 22, v. 2, n. 27, p. 93 – 100, jul./dez. 2006.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2008.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Coimbra: Edições 70, 2008.

PATOMÄKI, Heikki; WIGHT, Colin. *After postpositivism? The promises of critical realism*. *International Studies Quarterly*, v. 44, n. 2, 2000. p. 213-237.

POLKINGHORNE, John. *Além da ciência*. Bauru: EDUSC, 2001.

PRICE, Leigh. *The possibility of deep naturalism: a philosophy for ecology*. Journal of Critical Realism, v. 18, n. 4, 2019. p. 352-367.

REID, Steve. *The rural determinants of health: using critical realism as a theoretical framework*. Rural and remote health, v. 19, n. 3, 2019.

ROCKMORE, Tom. *Fichte, Kant, the Cognitive Subject, and Epistemic Constructivism*. Revista de Estud(i)os sobre Fichte [Online], 12, 2016. Disponível em <http://journals.openedition.org/ref/675>. Acesso em 21 nov. 2022.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SAYER, Andrew. *Realism in Geography*. In: The Future of Geography, London: ed. R.J. Johnston, 1985. p.159-173.

SAYER, Andre. *Realism and Social Science*. London: Sage Publications, 2000.

SAYER, Andrew. *Method in social science*. New York: Routledge, 2ªed., 2010.

SAWYER, Robert Keith. *Social Emergence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. 276p. Disponível em <https://uberty.org/wp-content/uploads/2015/04/R.-Keith-Sawyer-Social-Emergence-Societies-As-Complex-Systems-2005.pdf>. Acesso em 16 mai 2018.

SCOTT, David. *Resolving the quantitative-qualitative dilemma: a critical realist approach*. International Journal of Research & Method in Education, 30, 1, 2017. p. 3-17.

SOSA, Ernest. *The foundations of foundationalism*. Brown University: Nous, 1980. p. 547-564.

SOUZA, Rodrigo Gonçalves. *Metamorfoses ou alomorfias agrárias? Transformações socioespaciais na incorporação de agricultores familiares ao sistema produtivo-comercial da soja no Sudeste Goiano*. 2021. 389 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

SUERTEGARAY, Dirce Maria. *Espaço geográfico uno e múltiplo*. Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y ciencias sociales, v. 5, n. 79-104, 2001.

TAYLOR, Simon Peter. *Critical realism vs social constructionism & social constructivism: application to a social housing research study*. International Journal of Sciences: Basic and Applied Research, v. 37, n. 2, 2018. p. 216-222.

WESTRA, Richard. *Roy Bhaskar's critical realism and the social science of Marxian economics*. Review of Radical Political Economics, v. 51, n. 3, 2019. p. 365-382.

YEUNG, Henry Wai-chung. *Critical realism and realist research in human geography: a method or a philosophy in search of a method?* Progress in Human Geography, v. 21, nº1, 1997. p. 51-74.

YOSHIDA, Tamaki. *Corporal Punishment of Children: A Critical Realist Account of Experiences from Two Primary Schools in Urban Tanzania*. 2011. 293 f. PhD thesis. London: Institute of Education, 2011.

Rodrigo Gonçalves de Souza

Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioeconômicos da Universidade Federal de Goiás. Mestre em Agronegócios pelo PPAGRO/UFG. MBA em Gestão Pública pela Escola Nacional de Administração Pública/ENAP. Especialista em Gestão e Manejo Ambiental de Sistemas Agrícolas pela Universidade Federal de Lavras. Graduado em Agronomia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Licenciado em Geografia pela Uni-Anhanguera.

Rua Desembargador Mario Caiado, Qd 03 Lt 17. CEP 74660-310, Goiânia.

Email: rodrisou@egresso.ufg.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8091-0036>

Recebido para publicação em janeiro de 2024.

Aprovado para publicação com todas as correções em dezembro de 2024.